

# CONFRONTAÇÕES PRESSUPOSICIONALISTAS

## Vincent Cheung

Copyright © 2003 de Vincent Cheung. Todos os direitos reservados.

Publicado por [Reformation Ministries International](#)  
PO Box 15662, Boston, MA 02215, USA

Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Nova Versão Internacional (NVI), © 2001, publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.

## CONTEÚDO

<b>PREFÁCIO .....</b>	<b>3</b>
<b>1. O DESAFIO PRESSUPOSICIONALISTA.....</b>	<b>4</b>
<b>2. AS CONFRONTAÇÕES FILOSÓFICAS .....</b>	<b>15</b>
ATOS 17:16-34.....	15
v. 16-17.....	16
v. 18, 21 .....	21
v. 19-20.....	32
v. 22-23.....	33
v. 24-25.....	43
v. 26A.....	46
v. 26B.....	47
v. 27.....	49
v. 27B-29.....	55
v. 30A.....	61
v. 30B.....	65
v. 31.....	67
v. 32-34.....	76
<b>3. A CONQUISTA REVELACIONAL.....</b>	<b>80</b>

## PREFÁCIO

Começaremos com uma breve discussão sobre o papel determinativo das pressuposições em nosso pensamento, particularmente na construção das nossas cosmovisões, religiões e filosofias. Todos os argumentos são, no final das contas, estabelecidos somente apelando-se à validade dos nossos primeiros princípios.

Após isso apresentaremos uma exposição da confrontação de Paulo com os filósofos e a população de Atenas em Atos 17, e como devemos espelhar sua postura quando fazendo apologética e evangelismo hoje. Contudo, os princípios que aprenderemos ali, não se aplicam somente a apologética e ao evangelismo, mas a todas as esferas do pensamento cristão, incluindo a construção de formulações teológicas e os ministérios de pregações que são fiéis à revelação bíblica.

O livro conclui com alguns pontos adicionais no terceiro capítulo, incluindo exortações à apologética bíblica, evangelismo e outras tarefas relacionadas com maior agressividade.

Para entender a postura bíblica com respeito à teologia, filosofia, apologética, evangelismo e outras tarefas relacionadas, o leitor deve ler também minha *Teologia Sistemática* e *Questões Últimas*, onde alguns dos pontos mencionados aqui são discutidos em maior detalhe ou de diferentes perspectivas.

## 1. O DESAFIO PRESSUPOSICIONALISTA

Imagine que você esteja assistindo um jogo de tênis na televisão comigo, embora para o nosso propósito ele possa ser simplesmente algum tipo de jogo — golfe, basquetebol, futebol, ou até mesmo xadrez. Agora suponha que eu conheça as regras do jogo que estamos assistindo, que nesse caso é tênis, mas você não conhece as regras de forma alguma. Suponha ainda que tenhamos colocado a televisão no mudo, de forma que nenhuma comunicação verbal possa ser ouvida do comentarista do jogo. Finalmente, suponha que nenhuma comunicação verbal esteja vindo visualmente da tela, de forma que nem mesmo o placar é mostrado. Agora, minha pergunta é se o jogo seria inteligível para você de alguma forma.

Se eu prestar atenção, ainda serei capaz de seguir o jogo, mesmo sem que seja apresentado qualquer comunicação visual ou auditiva, pois eu já conheço as regras do jogo. Da mesma forma, os próprios jogadores seriam capazes de seguir o jogo que eles estão jogando sem o constante auxílio do anunciador ou do placar. Por outro lado, embora você esteja assistindo exatamente o mesmo jogo que eu, você não seria capaz de entender o que estaria vendo, visto que você não conhece as regras que correspondem ao jogo.

O que eu tenho mostrado aqui é que quando você está assistindo um jogo, o que você vê não fornece sua própria inteligibilidade e interpretação. Antes, para que um jogo seja inteligível para você, e para que tenha a interpretação correta do que está acontecendo, você deve trazer uma quantidade considerável de conhecimento para o ato de assistir ao jogo, e esse conhecimento não vem de assistir o próprio jogo. Se eu tivesse explicado sistematicamente as regras para você, ou explicado as regras à medida que estivéssemos assistindo ao jogo, então o que você estaria assistindo se tornaria inteligível, e você seria capaz de interpretar corretamente o que estaria vendo.

Você pode argumentar que é possível derivar algumas das regras do jogo por observação. Mesmo se isso fosse possível, seria muito mais difícil do que a maioria das pessoas pensa. Por exemplo, suponha que você observe que após cada ocorrência daquilo que nós que conhecemos as regras do xadrez chamaríamos de “xeque-mate”, os dois jogadores se afastam do tabuleiro de xadrez. O que você pode inferir a partir disso? Você não pode inferir que um deles tenha ganhado, a menos que você conheça as regras do jogo. Você precisa saber, antes de tudo, que ele é um jogo, que ele pode ser ganho ou perdido, e como ele é ganho ou perdido. Mesmo que eu permita que você infira que um deles tenha ganhado sem todas essas informações, onde você obtém as categorias de “vencer” e “perder”? Você não pode obtê-las observando o jogo em si; antes, você deve trazer essas idéias ao ato de observação.

O que dizer das categorias de tempo e causalção? Você não pode derivar os próprios conceitos de tempo e causalção a partir do ato de assistir ao jogo, mas você deve trazê-los ao ato de observação. Você deve ter também algumas pressuposições sobre ética. Isto é,

você deve assumir que os jogadores usualmente não trapacearão, e que eles não podem ficar impunes ao trapacear, se não o jogo não teria regularidade suficiente para você derivar quaisquer regras dele. Mas se uma pessoa trapaceia e fica impune, como você saberá que ela está trapaceando, ou que sua ação é apenas uma exceção permitida pelas regras? Se tomarmos o tempo para enumerar, podemos descrever dezenas, ou mais provavelmente centenas ou até mesmo milhares de pressuposições que você precisa ter em mente para a observação do jogo ser inteligível, quando ao mesmo tempo essas pressuposições não podem vir do ato da própria observação.

Para tornar a questão mais difícil, há centenas ou milhares de elementos arbitrários para cada jogo que não são essenciais às regras, e, todavia, eles são objetos de observação. Por exemplo, se o jogo de xadrez particular que você está assistindo está sendo jogado por dois homens que estão vestindo roupas formais, o que você pode inferir disso? Você inferirá que essa é uma regra essencial do xadrez? E se sim, as mulheres devem usar paletós de homens, ou é permitido que elas usem vestidos formais? Certamente, você pode dizer que as pessoas vestem roupas normais quando elas estão jogando em outros ambientes. Mas como você sabe que elas não estão violando as regras, e que elas estão simplesmente saindo impunes quanto a isso? Ou você assumirá, sem garantia, que se elas estivessem de fato em violação, as próprias regras seriam sempre forçadas contra elas? Você pode pensar que é ridículo questionar todas essas coisas que usualmente assumimos, mas o que você diria quando eu demandasse justificção para essas pressuposições?

Sem conhecimento que vem aparte da observação, a observação em si não pode fazer nenhum sentido ou comunicar nenhuma informação. A inteligibilidade e a interpretação da observação pressupõem conhecimento sobre o que você está observando, e tal conhecimento não pode vir do ato da própria observação. Isto é, a inteligibilidade e interpretação de uma experiência é feita possível pelo conhecimento que vem aparte da experiência. Esse conhecimento pode ser algo que você nasceu com ele, ou pode ser algo lhe ensinado por comunicação verbal.

Se sua mente é totalmente branca, de forma que você não tem nem mesmo categorias mentais tais como tempo, espaço, e causação, nada que você observe será inteligível, e não haverá nenhuma forma de você interpretar o que você observa. De fato, se sua mente é um branco total, sem qualquer conhecimento que venha aparte da observação, seu mundo seria para você como um turbilhão de sensações com nenhuma forma de organizá-las ou interpretá-las. Mas se um conhecimento não-observacional prévio da realidade é requerido para se interpretar apropriadamente a observação sobre a realidade, isso significa que a ordem e o significado do que você observa é *imposta* sobre o que você observa, e nunca *derivada* do que você vê. Isso é outra forma de dizer que o significado do que você observa é governado por suas pressuposições.

Retornando à nossa ilustração inicial, o que acontece se você pressupõe as regras do basquetebol ou xadrez quando você está assistindo ao jogo de tênis? Mesmo que pareça que você seja capaz de entender algumas das coisas que você observa, porque as regras erradas são pressupostas, sua interpretação do que é observado será falsa. Portanto, não é

suficiente reconhecer que as pressuposições não-observáveis precedem a observação inteligível e significativa, mas devemos perceber que nem todas as pressuposições são iguais, e que elas podem ser verdadeiras ou falsas.

Até aqui, tenho estabelecido várias possibilidades com respeito às pressuposições quando assistindo a um jogo de tênis:

1. A mente é totalmente branca, em cujo caso nada é inteligível, e a interpretação é impossível.
2. A mente contém apenas categorias básicas com nenhum conhecimento das regras do jogo, de forma que ela reconhece conceitos tais como tempo, causação, ética e vitória. A interpretação ainda é impossível.
3. A mente aplica falsas pressuposições ao jogo, de forma que ela pode aplicar as regras do basquetebol ao tênis. A interpretação ou é impossível ou produz falsos resultados quando empreendida.
4. A mente contém as pressuposições corretas sobre o universo em geral (as categorias básicas tais como tempo e causação) e sobre tênis em particular. A interpretação correta é possível.

O resultado é que duas pessoas podem estar observando exatamente a mesma coisa, mas elas chegarão a interpretações contraditórias. Contudo, isso não precisa resultar em relativismo, visto que uma pessoa pode de fato estar correta e a outra pode de fato estar errada. Depende de quem tem as pressuposições corretas sobre o universo em geral, e a coisa que está sob observação em particular.

Deixe-me lhe dar dois exemplos bíblicos que ilustram o que eu tenho estado dizendo. O primeiro mostra que a observação não é confiável, e o segundo mostra que nossas pressuposições determinam o significado ou a interpretação do que observamos, de forma que as pressuposições erradas levam a uma interpretação falsa.

O primeiro exemplo vem de João 12:28-29. Assim como Jesus exclama, “Pai, glorifica o teu nome!”, a Escritura diz, “Então veio uma voz dos céus: ‘Eu já o glorifiquei e o glorificarei novamente’. A multidão que ali estava e a ouviu, disse que tinha trovejado; outros disseram que um anjo lhe tinha falado”. O testemunho infalível da Escritura diz que a voz expressou uma sentença completa: “Eu já o glorifiquei e o glorificarei novamente”. Todavia, alguns daqueles que estavam presentes, que observaram o mesmíssimo evento, disseram “que tinha trovejado”. Portanto, a observação não é confiável, e a verdade não pode ser conclusivamente estabelecida pela observação.

O segundo exemplo vem de Mateus 12:22-28, e diz respeito à autoridade de Cristo para expelir demônios: “Depois disso, levaram-lhe um endemoninhado que era cego e mudo, e Jesus o curou, de modo que ele pôde falar e ver. Todo o povo ficou atônito e disse: ‘Não será este o Filho de Davi?’. Mas quando os fariseus ouviram isso, disseram: ‘É somente por Belzebu, o príncipe dos demônios, que ele expulsa demônios’ ” (v. 22-24). Baseada

em sua observação do evento, a audiência geral estava preparada para considerar pelo menos a possibilidade de que Jesus fosse o Cristo, mas os fariseus, que tinham observado o mesmo evento, disseram que ele expelia demônios pelo poder de Satanás.

Contudo, isso não levou a um impasse, nem reduziu a verdade ao relativismo. A resposta de Cristo indica que nem todas as interpretações são corretas:

Todo reino dividido contra si mesmo será arruinado, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá. Se Satanás expulsa Satanás, está dividido contra si mesmo. Como, então, subsistirá seu reino? E se eu expulso demônios por Belzebu, por quem os expulsam os filhos de vocês? Por isso, eles mesmos serão juízes sobre vocês. Mas se é pelo Espírito de Deus que eu expulso demônios, então chegou a vocês o Reino de Deus. (v. 25-28)

Ele primeiro reduz a afirmação deles ao absurdo, e então dá a interpretação correta do evento, e conclui com uma implicação sobre o evangelho.

Agora, se os fariseus tivessem crido verdadeiramente na Escritura, eles deveriam ter chegado à mesma interpretação sobre Cristo como aquela que o próprio Cristo afirmou sobre si mesmo. Mas embora reivindicassem crer na Escritura, na realidade eles suprimiam a verdade sobre ela. Embora eles tivessem acesso às pressuposições corretas ou ao conhecimento pelo qual eles poderiam interpretar corretamente a realidade, por causa da sua pecaminosidade, eles rejeitaram aceitar essas pressuposições e suas implicações, e rejeitaram assim a verdade, suprimindo-a e distorcendo-a.

Paulo diz que isso é o que a humanidade tem feito com o seu conhecimento sobre Deus. Ele declara que algum conhecimento sobre Deus é inato, isto é, todo ser humano nasce com algum conhecimento sobre Deus, mas porque o homem é pecaminoso, ele recusa reconhecer e adorar esse Deus verdadeiro, e assim suprime e distorce esse conhecimento inato:

Pois a ira de Deus é revelada dos céus contra toda impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade pela injustiça, pois aquilo que é conhecido sobre Deus é evidente entre eles; porque Deus lhes manifestou. Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis. Porque, embora tenham conhecido a Deus, não o honraram como Deus, nem lhe renderam graças; mas eles tornaram-se fúteis em suas especulações, e o coração insensato deles foi obscurecido. (Romanos 1:18-21, NASB)

As pessoas frequentemente reclamam que há evidência insuficiente sobre Deus e o Cristianismo, mas a Bíblia diz que eles já conhecem sobre esse verdadeiro Deus, mas

apenas estão suprimindo esse conhecimento, pois recusam reconhecê-lo ou adorá-lo. O conhecimento sobre Deus é “evidente entre eles”, pois ele “lhes manifestou”. O problema não é uma falta de evidência, mas uma série de pressuposições artificialmente manufaturadas que suprimem a evidência sobre Deus.

Alguns argumentam que essa passagem fornece justificção para dizer que podemos derivar conhecimento sobre Deus por observação e argumentos empíricos. Contudo, já temos ilustrado a partir do exemplo da observação do tnis, e confirmado pelos exemplos bíblicos, que a observação em si não fornece nenhum significado ou informação inteligível. Portanto, a passagem não pode significar que a observação, pelo menos em si mesma, pode fornecer conhecimento sobre Deus; antes, deve haver certas idéias inatas que já estão na mente antes de qualquer experiência ou observação.

Através do nosso exemplo sobre assistir tnis, temos também mostrado que até mesmo ter as categorias básicas necessárias à inteligibilidade é insuficiente, mas deve haver algum conteúdo real para as nossas idéias inatas. Contudo, se as idéias ou pressuposições inatas já contêm conteúdo real sobre Deus, então o conhecimento real sobre Deus não vem da observação de forma alguma, mas tal conhecimento já está na mente antes e aparte da experiência e observação.

Se você já conhece as regras do tnis, assistir tnis não pode lhe dar informação adicional sobre as regras do tnis, mas pode apenas estimular você a lembrar e aplicar regras particulares do tnis, à medida que você observa eventos particulares dentro do jogo. Da mesma forma, a experiência ou observação, *na melhor das hipóteses*, pode apenas estimular você a lembrar e aplicar o conhecimento inato que você tem sobre Deus.

Mais do que uns poucos comentaristas parecem concordar com essa visão. Aqui eu citarei apenas Charles Hodge: “Não é de uma mera revelação externa que o apóstolo está falando, mas daquela evidência do ser e das perfeições de Deus que todo homem tem na constituição de sua própria natureza, e em virtude da qual ele é competente para apreender a manifestação de Deus em suas obras”.<sup>1</sup> Por conseguinte, a NLT traduz, ou melhor, parafraseia, da seguinte forma: “Pois a verdade sobre Deus é conhecida instintivamente por eles. Deus colocou esse conhecimento nos corações deles”.

Uma passagem mais adiante confirma nosso entendimento de que Deus colocou certo conhecimento sobre si mesmo na mente do homem diretamente, isto é, aparte de experiência ou observação:

Pois quando os gentios, que não têm a Lei, praticam *instintivamente* as coisas da Lei, esses, não tendo Lei, são uma lei para si mesmos, pois mostram a obra da Lei *escrita em seus corações*. Disso dão testemunho a sua consciência e os pensamentos deles, ora acusando-os, ora defendendo-os. Isso tudo se verá no dia em que Deus julgar os segredos dos homens,

---

<sup>1</sup> Charles Hodge, *Romans*; The Banner of Truth Trust, 1997 (original: 1835); p. 36.



mediante Jesus Cristo, de acordo com o meu evangelho. (Romanos 2:14-16, NASB).

Não pense que isso significa que alguns gentios são inocentes. Antes, o versículo 12 diz: “Todo aquele que pecar sem a Lei, sem a Lei também perecerá, e todo aquele que pecar sob a Lei, pela Lei será julgado”. Paulo está tentando mostrar que tanto aqueles que têm a revelação verbal de Deus, como aqueles que não a têm, são culpados de pecado e sujeitos ao julgamento.

Em adição, Paulo não está dizendo que todos os homens são salvos porque eles já conhecem a Deus, nem está dizendo que o conhecimento inato sobre Deus carrega conteúdo suficiente para salvação, se alguém simplesmente reconhecê-lo. Antes, o ponto da passagem é que os homens não têm escusa ao negar o Deus verdadeiro, pois eles suprimem a verdade sobre Deus. Portanto, essa passagem não pode ser usada para justificar as religiões do mundo, como alguns idiotas tentam fazer, mas seu ponto é precisamente condenar todas as cosmovisões não-cristãs, especialmente as religiões não-cristãs.

Embora tudo isso seja relevante, nosso interesse particular nesse ponto é no conhecimento inato sobre Deus presente na mente do homem, aparte de experiência ou observação. A NASB tem “instintivamente” no versículo 14, que é uma boa tradução, e a NJB usa o termo “sentido inato”. Mas a frase “uma lei para si mesmos” pode ser enganosa. Ela não significa que os gentios, visto que eles não têm a Escritura, determinam por si mesmos o que é certo e o que é errado; antes, ela significa o que já está implicado por “sentido inato”, de forma que J. B. Phillips traduz “eles têm uma lei em si mesmos”. Isso confirma nossa contenção de que há idéias inatas na mente do homem, e que os conteúdos dessas não consistem apenas em categorias de pensamento, mas em conhecimento real sobre Deus, tornando aqueles que o negam inescusáveis.

Eu não estou dizendo que as pessoas não devem “ver” Deus na natureza — elas devem.<sup>2</sup> Mas eu estou tentando explicar o porquê elas não vêem, ou pelo menos o porquê elas dizem que não vêem. Paulo está dizendo que você tem que suprimir e distorcer o conhecimento que já está em sua mente para rejeitar o Cristianismo e afirmar uma religião, filosofia ou cosmovisão não-cristã. Somente o Cristianismo corresponde ao que você já conhece em sua mente, de forma que você terá que suprimir e distorcer o que você já sabe, e de fato enganar a si mesmo, para aceitar alguma outra coisa que não uma cosmovisão ou religião cristã completa e distintiva.

Alguns apologistas cristãos tentam defender a fé usando principalmente argumentos científicos, tais como aqueles baseados em física, biologia e arqueologia. Em outras palavras, juntamente com os incrédulos, eles assumem a confiabilidade da ciência e tentam “fazer ciência” melhor do que os incrédulos podem fazer. Se o que estou dizendo é correto — isto é, se o que Paulo está dizendo é correto — então, certamente, somos capazes de fazer ciência melhor do que os incrédulos, visto que temos uma série de pressuposições que correspondem à realidade e moralidade objetiva.

---

<sup>2</sup> A forma precisa de dizer isso é que elas devem lembrar de Deus quando observam a natureza.

Dito isso, eu tenho argumentado em outro lugar que o próprio método científico impede o conhecimento da verdade,<sup>3</sup> de forma que até mesmo com as pressuposições corretas, a ciência é completamente incompetente como uma forma de descobrir a natureza da realidade. Ronald W. Clark comenta: “A contemplação dos primeiros princípios ocuparam progressivamente a atenção de Einstein”, e em tal contexto, ele cita Einstein como dizendo: “Não sabemos absolutamente nada sobre isso. Todo o nosso conhecimento é apenas o conhecimento do primário... da natureza real das coisas, que nunca conheceremos, nunca”.<sup>4</sup> Certamente, ele pode falar somente como um representante da ciência, e não da revelação.

Karl Popper, que tem escrito inúmeros obras sobre a filosofia da ciência, escreveu o seguinte:

Embora na ciência façamos o nosso melhor para encontrar a verdade, estamos cômicos do fato que não podemos nunca estar certos se a alcançamos.... Na ciência não há nenhum “conhecimento”, no sentido que Platão e Aristóteles entendiam a palavra, no sentido que implica finalização; na ciência, nunca temos razão suficiente para a crença de que alcançamos a verdade... Einstein declarou que *sua teoria era falsa* — ele disse que ela seria uma melhor aproximação da verdade do que a teoria de Newton, mas ele deu razões pelas quais ele não poderia, mesmo que todas as predicções estivessem corretas, considerá-la como uma teoria verdadeira”.<sup>5</sup>

Cientistas conduzem experimentos múltiplos para testar uma hipótese. Se a observação é confiável, então porque eles precisam de mais de um experimento? Se a observação é menos do que confiável, então como muitos experimentos são suficientes? Quem decide? Ignorando esse problema por ora, W. Gary Crampton explica a dificuldade em formular uma lei científica pelo método de experimentação:

No laboratório os cientistas buscam determinar o ponto de ebulição da água. Visto que a água dificilmente ferve à mesma temperatura, o cientista conduz vários testes e os resultados levemente diferenciados são registrados. Ele então deve fazer uma média entre eles. Mas que tipo de média ele usa: harmônica, modal ou aritmética? Ele deve escolher; e que tipo de média ele seleciona é de sua própria escolha; ela não é ditada pelo resultado. Então também, a média que ele escolhe é simplesmente isso, isto é, ela é uma média, não um *dado* real fornecido pelo experimento. Uma vez que os resultados dos textos têm sofrido uma média, o cientista calculará o erro variável em suas leituras. Ele provavelmente

---

<sup>3</sup> Vincent Cheung, *Ultimate Questions*.

<sup>4</sup> Ronald W. Clark, *Einstein: The Life and Times*; Avon Books, 1971; p. 504.

<sup>5</sup> *Popper Selections*, editado por David Miller; Princeton University Press, 1985; p. 90, 91, 121.

colocará os pontos de dados ou áreas num gráfico. Então ele traçará uma curva através dos pontos de dados ou áreas resultantes no gráfico... Mas quantas curvas, cada uma das quais descreve uma equação diferente, são possíveis? Um número infinito de curvas é possível. Mas o cientista traça apenas uma.<sup>6</sup>

A probabilidade de traçar a curva correta é uma em infinito, que é igual a zero. Portanto, há uma probabilidade zero de que qualquer lei científica possa ser verdadeira. É impossível para a ciência *alguma vez* descrever corretamente *alguma coisa* sobre a realidade. Assim, Popper escreve: “Pode ser até mesmo mostrado que todas as teorias, incluindo as melhores, têm a mesma probabilidade, a saber, zero”.<sup>7</sup>

Se o que foi dito acima sobre experimentos científicos é difícil para algumas pessoas entender, o problema de “afirmar o conseqüente” pode ser mais facilmente compreendido. Considere a seguinte forma de argumento:

1. Se X, então Y
2. Y
3. Portanto, X

Essa forma de raciocínio, chamada de “afirmar o conseqüente”, é sempre uma falácia formal em lógica; isto é, sabemos que o argumento é inválido simplesmente observando sua estrutura. Simplesmente porque Y é verdade não significa que X seja verdade, visto que pode haver um número infinito de coisas que podem substituir X, e ainda teremos Y. A correlação não é a mesma da causação — mas pode a ciência sequer descobrir a correlação? Assim, se a hipótese é, “Se X, então Y”, o fato que Y acontece não faz nada para confirmar a hipótese.

Cientistas, certamente, tentam evitar esse problema tendo experimentos “controlados”, mas eles estão enfrentando novamente um número infinito de coisas que podem afetar o experimento. Como eles sabem quais variáveis devem ser controladas? Por outros experimentos que afirmam o conseqüente, ou por observação, que já temos mostrado não ser confiável?

Bertrand Russell foi um célebre matemático, logicista, filósofo, e escreveu muito contra a religião cristã. Assim, ele não estava tentando endossar o Cristianismo quando ele escreveu o seguinte:

Todos os argumentos indutivos, em último recurso, se reduzem à seguinte forma: “Se isso é verdade, aquilo é verdade: agora, aquilo é verdade, portanto, isso é verdade”. Esse argumento é, certamente, formalmente falacioso. Suponha que eu dissesse: “Se pão é uma pedra e pedras são alimento, então esse pão me alimentará; agora, esse pão me alimenta; portanto, ele é uma pedra, e pedras são

<sup>6</sup> W. Gary Crampton, “The Biblical View of Science”, January 1997, *The Trinity Review*.

<sup>7</sup> Karl Popper, *Conjectures and Refutations*; Harper and Row, 1968; p. 192.

alimento”. Se eu fosse promover tal argumento, certamente pensariam que sou louco, todavia, ele não seria fundamentalmente diferente do argumento sobre o qual todas as leis científicas são baseadas.<sup>8</sup>

Todavia, muitos que falam dessa forma recusam traçar a conclusão lógica de que toda ciência é, no final das contas, irracional e sem justificação. A maioria das pessoas se sente compelida a respeitar a ciência por causa do sucesso prático que ela parece alcançar; contudo, temos notado que afirmar o conseqüente pode produzir resultados, mas não verdades. Lembre-se o que Popper disse sobre Einstein: “Ele não poderia, mesmo que todas as predicções estivessem corretas, considerá-la como uma teoria verdadeira”. O estudante colegial típico discordaria, mas o estudante colegial típico não é Einstein. Por conseguinte, embora a ciência seja útil como uma forma de alcançar fins práticos, ela não tem autoridade para fazer quaisquer pronunciamentos com respeito à natureza da realidade. Se o cientista não conhece seu lugar, um crente informado não deve hesitar em colocá-lo de volta ao seu lugar. A teologia é a disciplina intelectual reguladora, não a ciência.

A maioria das pessoas pensará que esse ceticismo para com a sensação e essa visão baixa da ciência são muito extremas, mas qualquer que discordar deve primeiro justificar como o conhecimento vem a partir da sensação e como o método científico pode funcionar para descobrir a verdade. Se você confia na ciência, mas não pode fornecer uma justificação racional para ela, então como você ousa chamar os cristãos de irracionais e crédulos? Você pode tentar promover seu ceticismo seletivo e arbitrário contra o Cristianismo sobre a base da ciência, mas se eu puder aplicar com sucesso um ceticismo mais forte e abrangente para refutar a ciência secular e todas as religiões do mundo, mas defender a revelação bíblica, então é melhor você não ousar chamar os cristãos de irracionais e crédulos nunca mais.

É somente porque você foi criado à imagem de Deus e tem, assim, um conhecimento inato sobre ele, que você pode, antes de tudo, falar de racionalidade, pois sem Cristo — a Razão de Deus (João 1:1)<sup>9</sup> — você não tem nenhum fundamento para nem mesmo a própria lógica. Por outro lado, da perspectiva cristã, a racionalidade caracteriza a própria estrutura da mente de Deus, e as leis da lógica descrevem o modo como ele pensa. Visto que ele nos fez à sua imagem, nós também somos capazes de usar a lógica, e visto que o mesmo Deus que nos criou, também criou o universo, a lógica corresponde à realidade. Se você rejeita as pressuposições cristãs, então sobre que base você usa a lógica, e sobre que base você diz que a lógica corresponde à realidade? Você tenta usar a razão, mas você nega a própria Razão. Você reivindica pensar logicamente, mas você nega a própria pessoa que estruturou sua mente racional à sua própria mente racional. Assim, ao exaltar a razão sem exaltar Deus, você se contradiz e se incrimina, e mostra que você tem suprimido a verdade sobre Deus.

<sup>8</sup> Bertrand Russell, *The Problems of Philosophy*; Oxford University Press, 1998.

<sup>9</sup> O *logos*, ou Palavra, em João 1:1 pode ser corretamente traduzido como Sabedoria, Razão ou até mesmo Lógica.

Embora, devido à natureza do seu método, a própria ciência seja incompetente e não confiável, não importa qual fundamento você construa sobre ela, se estamos corretos sobre a realidade das idéias inatas e a supressão da verdade pelos incrédulos, então os cristãos ainda podem fazer ciência melhor do que os não-cristãos, visto que nós explicitamente afirmamos as pressuposições corretas, incluindo aquelas na Escritura que não são parte das idéias inatas presentes no nascimento. Mas ao mesmo tempo, se estamos corretos sobre as idéias e pressuposições inatas, então a ciência é, de fato, um terreno superficial quando diz respeito ao conflito entre cosmovisões opostas.

Nossas pressuposições determinam nossa interpretação do que observamos, de forma que podemos observar exatamente as mesmas coisas e chegar a conclusões diferentes. Embora eu diria que as pressuposições não-cristãs não podem nem mesmo apoiar as conclusões não-cristãs, nem podem elas ser usadas para fornecer apoio conclusivo para o Cristianismo, pela razão de que as pressuposições não-cristãs realmente não podem sustentar nada.<sup>10</sup> Assim, chegamos à percepção de que, no final das contas, devemos tratar com os não-cristãos sob o nível pressuposicional.<sup>11</sup>

Não subestime esse discernimento, que mostra que a menos que o não-cristão possa fornecer um fundamento para o conhecimento sem usar as pressuposições cristãs, todos os seus argumentos são apenas ruídos. Ele está tentando raciocinar seu escape de seu conhecimento inato de que o Cristianismo é verdadeiro, e que somente o Cristianismo é verdadeiro. Todavia, ele não pode nem mesmo raciocinar sem usar as pressuposições cristãs. Ele escolhe um ponto de partida não-cristão para a sua filosofia e tenta se convencer que ele é adequado, mas ele sabe mais, embora ele possa não admitir isso até para si mesmo. Esse conhecimento o persegue, e assim ele suprime sua consciência e se volta contra os crentes. Mas nem mesmo o suicídio o livrará de sua condição infeliz, visto que apenas finalizará sua condenação, e ele sabe isso no fundo do seu ser (Romanos 1:32). Paulo escreve em Romanos 1:22: “Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos.”. Ou, mais claramente: “Eles pensam que são espertos, mas são estúpidos”. Isso é verdade de todo não-cristão.

---

<sup>10</sup> O uso estratégico de argumentos científicos são algumas vezes desejáveis, mas nunca necessário, dentro do contexto de debates, mas a única função deles é mostrar que *mesmo que* a ciência possa descobrir a verdade, o incrédulo ainda estaria errado. Permanece o fato que os cristãos não deveriam colocar sua confiança em algo tão fraco como a ciência. Os cristãos devem ter padrões intelectuais mais altos do que os dos não-cristãos.

<sup>11</sup> É frequentemente argumentado que devemos “olhar para os fatos objetivamente”. Se isso significa que não devemos ter pressuposições, então temos mostrado ser isso impossível, e de fato faz os “fatos” ininteligíveis. Mas se ser “objetivo” significa que devemos olhar para o mundo como verdadeiramente ele é, então esse é o próprio ponto em questão, e estamos argumentando que somente quando você começa com pressuposições cristãs você será capaz de olhar para o mundo como ele verdadeiramente é. “Fatos” não vêm com suas próprias interpretações, e qualquer interpretação requer pressuposições. Contudo, nem todas as pressuposições são iguais, e assim, retornamos ao ponto de que os argumentos devem, no final das contas, serem estabelecidos sobre o nível pressuposicional.

Se você é um cristão, então Deus te escolheu e te mudou, e ele te alistou para publicar esse desafio pressuposicionalista ao mundo. Paulo nos ordena que retenhamos o padrão firme da “palavra da vida” nessa “geração corrompida e depravada” (Filipenses 2:15-16). De fato, os incrédulos são “corrompidos” em seu pensamento e conduta, e suprimem e distorcem a verdade sobre a realidade e a moralidade. Todavia, Deus mostrará misericórdia aos seus eleitos e lhes converterá, endireitando os seus caminhos tortuosos. Mas os réprobos resistirão, e serão esmagados pela Rocha que é o fundamento do Cristianismo (Lucas 20:17-18).

## 2. AS CONFRONTAÇÕES FILOSÓFICAS

### ATOS 17:16-34

*Enquanto esperava por eles em Atenas, Paulo ficou profundamente indignado ao ver que a cidade estava cheia de ídolos. Por isso, discutia na sinagoga com judeus e com gregos tementes a Deus, bem como na praça principal, todos os dias, com aqueles que por ali se encontravam. Alguns filósofos epicureus e estoicos começaram a discutir com ele. Alguns perguntavam: “O que está tentando dizer esse tagarela?” Outros diziam: “Parece que ele está anunciando deuses estrangeiros”, pois Paulo estava pregando as boas novas a respeito de Jesus e da ressurreição. Então o levaram a uma reunião do Areópago, onde lhe perguntaram: “Podemos saber que novo ensino é esse que você está anunciando? Você está nos apresentando algumas idéias estranhas, e queremos saber o que elas significam”. Todos os atenienses e estrangeiros que ali viviam não se preocupavam com outra coisa senão falar ou ouvir as últimas novidades.*

*Então Paulo levantou-se na reunião do Areópago e disse: “Atenienses! Vejo que em todos os aspectos vocês são muito religiosos, pois, andando pela cidade, observei cuidadosamente seus objetos de culto e encontrei até um altar com esta inscrição: AO DEUS DESCONHECIDO. Ora, o que vocês adoram, apesar de não conhecerem, eu lhes anuncio.*

*“O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há é o Senhor dos céus e da terra, e não habita em santuários feitos por mãos humanas. Ele não é servido por mãos de homens, como se necessitasse de algo, porque ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e as demais coisas. De um só fez ele todos os povos, para que povoassem toda a terra, tendo determinado os tempos anteriormente estabelecidos e os lugares exatos em que deveriam habitar. Deus fez isso para que os homens o buscassem e talvez, tateando, pudessem encontrá-lo, embora não esteja longe de cada um de nós. ‘Pois nele vivemos, nos movemos e existimos’, como disseram alguns dos poetas de vocês: ‘Também somos descendência dele’.*

*“Assim, visto que somos descendência de Deus, não devemos pensar que a Divindade é semelhante a uma escultura de ouro, prata ou pedra, feita pela arte e imaginação do homem. No passado Deus não levou em conta essa ignorância, mas agora ordena que todos, em todo lugar, se arrependam. Pois estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio do homem que designou. E deu provas disso a todos, ressuscitando-o dentre os mortos” .Quando ouviram sobre a ressurreição dos mortos, alguns deles zombaram, e outros disseram: “A esse respeito nós o ouviremos outra vez”.  
33 Com isso, Paulo retirou-se do meio deles. Alguns homens juntaram-se a ele e creram. Entre eles estava Dionísio, membro do Areópago, e também uma mulher chamada Dâmaris, e outros com eles.*